

UMA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA DE LITERATURA PORTUGUESA NA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA (UNESP)

Data de submissão: 14/04/2023

Data de aceite: 02/06/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

UNESP

Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: A monitoria em Literatura Portuguesa foi realizada junto ao então departamento de Literatura, hoje nomeado Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). A aluna monitora foi supervisionada pela Prof.^a Dr.^a Renata Soares Junqueira. Ainda, a monitoria foi realizada de março a dezembro de 2016, ano em que a monitora estava no quarto (e último) ano de graduação em Letras na instituição. Inicialmente, a monitoria foi voluntária, mas a aluna passou a ser bolsista a partir de setembro de 2016. Por fim, a aluna teve a oportunidade de lecionar duas aulas eletivas para sua própria turma sobre as peças de teatro cuja leitura era obrigatória para a avaliação final das disciplinas “Estudos de Teatro Brasileiro” (primeiro semestre) e “Estudos de Teatro Português” (segundo semestre).

PALAVRAS-CHAVE: monitoria; ensino; literatura.

AN EXPERIENCE OF MONITORING PORTUGUESE LITERATURE AT THE FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS OF ARARAQUARA (UNESP)

ABSTRACT: The monitoring in Portuguese Literature was carried out at the then Department of Literature, today named Department of Linguistics, Literature and Classics, of the Faculdade de Ciências e Letras of Araraquara of the Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). The student monitor was supervised by Prof.^a Dr.^a Renata Soares Junqueira. Also, the monitoring was carried out from March to December 2016, the year in which the monitor was in the fourth (and final) year of graduation in Letters at the institution. Initially, the monitoring was voluntary, but the student became a scholarship holder from September 2016. Finally, the student had the opportunity to teach two elective classes for her own class on theater plays whose reading was mandatory for the evaluation final of the subjects “Brazilian Theater Studies” (first semester) and “Portuguese Theater Studies” (second semester).

KEYWORDS: monitoring; teaching; literature.

1 | INTRODUÇÃO

A monitoria da aluna, então regularmente matriculada no quarto ano de Letras, no ano de 2016, nas modalidades bacharelado e licenciatura, no período diurno, ocorreu de março a dezembro de 2016, tendo sido voluntária de março a setembro e bolsista BAAE III de setembro a dezembro. A monitoria foi realizada sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Renata Soares Junqueira.

A aluna esteve disponível no departamento em plantões das 14h às 16h às quartas e sextas-feiras de março a setembro. Desde primeiro de setembro de 2016, a aluna passou a dedicar-se às atividades mais pedagógicas da monitoria, direcionadas aos alunos dos segundos e quartos anos de Letras, no âmbito das disciplinas “Estudos de Teatro Brasileiro” (primeiro semestre – quarto ano), “Estudos de Teatro Português” (segundo semestre – quarto ano) e “Narrativa Portuguesa II” (segundo semestre – segundo ano). Ademais, neste período a aluna dedicou-se aos estudos para o exame de Mestrado na área de Literatura Portuguesa (Teorias e crítica da narrativa).

2 | ATIVIDADES TÉCNICAS E DISCIPLINA CONCENTRADA

Durante os plantões de quartas e sextas-feiras, uma das atividades feitas pela aluna nesse tempo foi organizar e redigir as referências bibliográficas de acordo com as normas da ABNT dos livros da área que foram doados pela Biblioteca de Ciências e Letras.

Ademais, além de atividades técnicas, a aluna frequentou a disciplina concentrada da Prof.^a Dr.^a Rosário Lupi Bello, denominada “Dramaturgia e cinema: cruzamentos e contaminações”, que ocorreu de 20 a 24 de junho de 2016, num total de dois créditos. Quando necessário, a aluna auxiliou as professoras com detalhes técnicos, como buscar água ou abrir o anfiteatro. Como trabalho final dessa disciplina, a aluna apresentou uma reflexão sobre filme *Vou para casa* (2001), de Manoel de Oliveira.

3 | ATIVIDADES PEDAGÓGICAS: ESTUDOS DE TEATRO BRASILEIRO: VESTIDO DE NOIVA (2008), DE NELSON RODRIGUES

No primeiro semestre de 2016, a aluna, inscrita na disciplina do quarto ano “Estudos de Teatro Brasileiro”, preparou uma leitura crítica da peça que seria o conteúdo programático da avaliação final, *Vestido de Noiva* (2008), de Nelson Rodrigues. A leitura crítica foi baseada em críticos como Peter Szondi em *Teoria do drama moderno (1880-1950)* (2011) e Mariângela Alves de Lima em “Dramaturgia Expressionista” (2014), bem como nas reflexões propostas pela professora nas aulas ministradas sobre o tema. A partir de uma orientação dada pela professora, a aluna preparou-se para discutir com os interessados das turmas do diurno e do noturno a temática da prova. A monitoria coletiva ocorreu dia seis

de setembro de 2016, às 14 horas, no anfiteatro D da Faculdade de Ciências e Letras. O foco, portanto, foi debater sobre *Vestido de noiva* como um drama expressionista.

A essa monitoria coletiva, aproximadamente 15 alunos compareceram, aos quais a monitora entregou um quadro de distinções entre drama puro aristotélico e teatro épico de Brecht, explicando as diferenças nesta aula e propondo reflexões para guiar os alunos no entendimento de *Vestido de Noiva* como um drama. Portanto, essa reflexão teve cinco momentos: (1) discussão do enredo da peça; (2) diferenciação entre drama aristotélico e teatro épico de Brecht; (3) aspectos do teatro expressionista; (4) análise: o drama e o expressionismo em *Vestido de Noiva*; (5) dúvidas dos alunos respondidas e debatidas em grupo. É importante destacar, por fim, que o quinto momento (dúvidas) ocorreu durante toda a monitoria, concentrando-se, principalmente, no final. Para a discussão, a monitora utilizou os *handouts* e um texto de apoio de autoria própria. Os alunos ficaram muito satisfeitos com a monitoria.

4 | ATIVIDADES PEDAGÓGICAS: ESTUDOS DE TEATRO PORTUGUÊS: O JUDEU (1997), DE BERNARDO SANTARENO

No segundo semestre de 2016, a aluna, inscrita na disciplina do quarto ano “Estudos de Teatro Português”, preparou uma leitura crítica da peça que seria o conteúdo programático para a avaliação final da disciplina: *O judeu* (1997), de Bernardo Santareno. A reflexão foi baseada em textos críticos como Francisco Maciel Silveira em “Bernardo Santareno às voltas (e contravoltas) com Brecht” (2014) e Peter Szondi em *Teoria do drama moderno (1880-1950)* (2011), bem como na aula da professora sobre a peça. A partir das leituras feitas e das orientações dadas pela professora, a monitora discutiu com os interessados das turmas diurno e noturno o conteúdo programático para a prova. A monitoria ocorreu dia 26 de janeiro de 2016, na sala 13 da Faculdade de Ciências e Letras, às 14 horas.

Nesta monitoria, aproximadamente 13 alunos compareceram, aos quais a monitora entregou o mesmo quadro, adaptado à peça em questão, que diferenciava o drama aristotélico do teatro épico. A ideia era analisar *O judeu* como teatro épico brechtiano, pensando nas técnicas de distanciamento utilizadas por Santareno em sua peça, bem como de que forma Santareno propôs uma crítica ao século XX através de seu teatro, ou seja, a ditadura salazarista em que vivia no ano de publicação da peça (1966). Portanto, a discussão teve sete momentos: (1) discussão do enredo da peça; (2) projeção temporal: *O judeu* como uma crítica à Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e à ditadura salazarista; (3) o teatro épico de Brecht; (4) *O judeu* como peça épica; (5) exemplos de elementos épicos ao longo da peça; (6) o final da peça como um convite à ação (engajamento social), como propôs Brecht; (7) dúvidas dos alunos debatidas em grupo. O último momento, contudo, estendeu-se ao longo de todo o encontro, concentrando-se no final as perguntas menos pontuais. Por fim, a aluna utilizou de *handouts* na discussão, bem

como um texto de apoio de autoria própria. Os alunos elogiaram a monitoria e disseram-se satisfeitos e com as ideias acerca do conteúdo mais claras.

5 | ATIVIDADES PEDAGÓGICAS: NARRATIVA PORTUGUESA II: MEMORIAL DO CONVENTO, DE JOSÉ SARAMAGO

Ainda durante o segundo semestre de 2016, a monitora frequentou, como ouvinte, as aulas da disciplina do segundo ano “Narrativa Portuguesa II”, no período noturno, enquanto lia o romance *Memorial do convento* (1982), de José Saramago, a fim de auxiliar os alunos nos seminários sobre o romance. Nas aulas, a aluna participou das discussões propostas pela professora juntamente com a turma do segundo ano.

Como uma das avaliações propostas na disciplina, os alunos do segundo ano deveriam trazer uma leitura crítica da obra, de acordo com o tema sorteado, em formato de seminário de duração de uma hora. Ou seja, dois grupos apresentariam por aula destinada à avaliação. Os temas propostos para os seminários foram: (1) as personagens históricas em *Memorial do convento*; (2) as personagens fictícias em *Memorial do convento*; (3) o narrador em *Memorial do convento*; (4) os símbolos em *Memorial do convento*; (5) os pobres em *Memorial do convento*; (6) a linguagem literária em *Memorial do convento*; (7) a igreja em *Memorial do convento*; (8) a crítica ao barroco em *Memorial do convento*.

Na época da apresentação dos seminários, a aluna auxiliou três grupos a organizarem suas ideias e entenderem o romance de Saramago de acordo com os aspectos propostos. Os grupos foram: A Igreja em *Memorial do convento* (turma noturno) e A linguagem literária em *Memorial do convento* (turmas diurno e noturno). As discussões propostas foram realizadas dia 18 de janeiro de 2017, das 10h às 12h (grupo noturno – linguagem), das 14 às 16h (grupo noturno – igreja) e das 16h às 18h (grupo diurno – linguagem). Cada grupo trouxe suas ideias e dúvidas sobre a leitura do romance, e a monitora entregou um breve guia de leitura do romance segundo os temas propostos. Por fim, a monitora e os alunos debateram o romance, o tema pedido pela professora no mesmo (Linguagem Literária e Igreja em *Memorial do Convento*) e a organização do seminário.

Na primeira monitoria com o grupo do noturno sobre linguagem, a aluna entregou o *handout* com algumas reflexões sobre o romance sob esse aspecto e explicou de que forma Saramago propõe uma paródia do barroco português através do uso da ironia, uma figura de linguagem, e de que maneira esse recurso poderia ser explorado pelos alunos em uma leitura crítica do romance. Por fim, as alunas tiraram dúvidas de como organizar o conteúdo pensado por elas no seminário, bem como dúvidas pontuais sobre a leitura do romance e seus personagens. A monitora utilizou para essa monitoria o *handout* entregue à turma e propôs esquemas no mesmo para explicar o conteúdo. Ademais, a monitora levou o romance *Memorial do convento* e o artigo “Um convento e uma passarola” (1983), de Joaquim Alves de Aguiar. As alunas anotaram as discussões em seus respectivos cadernos.

Na segunda monitoria com o grupo do noturno sobre a igreja, a aluna entregou o *handout* sobre o romance pensando na igreja e explicou as ideias nele propostas, como o enaltecimento do povo em *Memorial do convento* em relação à desmistificação do clero e da nobreza, compondo dois movimentos na narrativa. As alunas tiraram dúvidas pontuais acerca da leitura do romance e, por fim, houve um breve debate sobre a organização de ideias em formato de seminário. Para a discussão, a monitora utilizou o *handout* entregue, bem como levou o romance *Memorial do convento* e o artigo “Um convento e uma passarola”, de Joaquim Alves de Aguiar.

Na terceira monitoria com o grupo do diurno sobre linguagem, o movimento foi mais de troca: os alunos trouxeram um documento de dez páginas com ideias sobre a linguagem no romance. Uma ideia muito interessante trazida pelo grupo foi explorar os provérbios adaptados no romance de Saramago. Eles trouxeram um quadro com os provérbios originais e como aparecem no romance. De acordo com eles, a ideia surgiu do grupo durante a leitura e, ao pesquisarem, encontraram alguns artigos de críticos literários sobre o assunto. Contudo, eles estavam um pouco confusos em como utilizar isso no seminário e inseguros também. A monitora, que havia assistido a uma conferência do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários sobre provérbios na Faculdade de Ciências e Letras, denominada “Parêmsias clássicas ou populares nos contos de Machado de Assis na fase do Realismo” (28/09/2016), tentou explicar a ideia da conferencista (Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Teixeira de Faria – Universidade Complutense de Madrid) aos alunos: diferenciar os provérbios populares dos cultos e tentar entender se o movimento mantinha-se no romance por Saramago, ou seja, se os cultos eram ditos pela nobreza e clero e os populares pelo povo. Os alunos se empolgaram com a ideia e tiraram outras dúvidas mais pontuais sobre a leitura do romance em geral, as quais foram debatidas com a monitora. Para a discussão, a monitora utilizou o romance *Memorial do convento*, o artigo “Um convento e uma passarola”, de Joaquim Alves de Aguiar e o *handout* entregue aos alunos (o mesmo entregue ao grupo do noturno sobre linguagem).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser observado, o leque de possibilidades que a monitoria trouxe à aluna foi muito extenso. Ela pode, através da atividade, praticar conhecimentos básicos de pesquisa, como a confecção de referências bibliográficas de livros doados à biblioteca da unidade, bem como ter a oportunidade de assistir à disciplina concentrada da Prof.^a Dr.^a Rosário Lupi Bello. Ademais, a oportunidade única de poder ministrar uma aula, debater e refletir as peças *Vestido de Noiva* e *O judeu* com os alunos de graduação sendo graduanda foi muito importante para a aluna, que entende a importância de tal oportunidade por ter escolhido seguir a carreira acadêmica. Desta forma, a monitoria contemplou todas as áreas que concernem a experiência de pesquisa e didática em uma universidade: adequação

às normas da ABNT, frequência em disciplina de pós-graduação, ministrar aulas aos graduandos e, por fim, a prática da crítica literária, ao analisar o filme *Vou para casa* para o trabalho final da disciplina concentrada.

Ademais, a experiência da disciplina concentrada foi muito enriquecedora e expandiu muito os horizontes da aluna, especialmente no que tange às relações entre narrativa literária e narrativa fílmica, bem como entre cinema e literatura em geral. Ela teve a oportunidade, através da disciplina, de entrar em contato com o cinema português de Manuel de Oliveira, bem como de refletir acerca de aspectos teóricos sobre a arte cinematográfica.

Por fim, a experiência pedagógica exercida na monitoria foi extremamente enriquecedora para a aluna, que teve certeza de estar no caminho certo na monitoria. O maior desafio foi discutir textos dramáticos, que não são da área seguida pela aluna tanto em sua iniciação científica quanto no mestrado (narrativa), o que possibilitou uma expansão de horizontes no que concerne a teoria literária. A oportunidade de debater os textos literários com os alunos de graduação foi única e muito importante para a monitora, que considera a monitoria uma de suas atividades mais bem sucedidas da graduação em Letras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. A. de. Um convento e uma passarola. *EPA: Estudos portugueses e africanos* (Campinas), n. 2, p. 125-131, 1983.

LIMA, M. A. de. Dramaturgia expressionista. In: GUINSBURG, J. *O expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVEIRA, M. *Vou para casa*. Lisboa: Madragoa Filmes, 2001.

RODRIGUES, N. *Vestido de Noiva*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

SANTARENO, B. *O Judeu*. Lisboa: Ática, 1997.

SARAMAGO, J. *Memorial do convento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

SILVEIRA, F. M. ; VERDASCA, F. . Bernardo Santareno às voltas (e contravoltas) com Brecht. In: Fernanda Verdasca Botton; Flavio Botton. (Org.). *O Teatro de Bernardo Santareno*. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2014, v. 1, p. 131-153.

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac&Naify, 2011. p. 23-37; 123-126; 133-139.

ANEXO I – HANDOUT DA MONITORIA DA DISCIPLINA “ESTUDOS DE TEATRO BRASILEIRO”: MONITORIA SOBRE *VESTIDO DE NOIVA* (2008), DE NELSON RODRIGUES

FORMA DRAMÁTICA DE TEATRO	FORMA ÉPICA DE TEATRO
O teatro incorpora um processo	Ele narra um processo
Envolve o espectador em sua ação	Faz dele um observador
Consome sua atividade	Desperta sua atividade
Possibilita-lhe vivências	Transmite-lhe conhecimentos
O espectador é deslocado para dentro de uma ação	Ele é contraposto à ação
Trabalha-se com sugestão	Trabalha-se com argumentos
As sensações são conservadas	As situações são estimuladas para chegar às descobertas
O homem é pressuposto como conhecido	O homem é objeto de investigação
Homem imutável	Homem mutável e modificador
Expectativa sobre o desfecho	Expectativa sobre o andamento
Uma cena em favor da outra	Cada cena para si
Os acontecimentos têm curso linear	Os acontecimentos têm curso em curvas
O mundo tal como ele é	O mundo como vem a ser
O que o homem deve ser	O que o homem tem de ser
Seus impulsos	Seus motivos
O pensamento determina o ser	O ser social determina o pensamento

P.S.: quadro retirado da relação feita por Peter Szondi (2011) em Teoria do drama moderno (1880-1950), p. 134-135.

REFERÊNCIAS

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac&Naify, 2011. p. 23-37; 123-126; 133-139.

RODRIGUES, N. *Vestido de Noiva*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

LIMA, M. A. de. Dramaturgia expressionista. In: GUINSBURG, J. *O expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ANEXO II – HANDOUT DA MONITORIA DA DISCIPLINA “ESTUDOS DE TEATRO PORTUGUÊS”: MONITORIA SOBRE *O JUDEU* (1997), DE BERNARDO SANTARENO

FORMA DRAMÁTICA DE TEATRO	FORMA ÉPICA DE TEATRO
O teatro incorpora um processo	Ele narra um processo
Envolve o espectador em sua ação	Faz dele um observador
Consome sua atividade	Desperta sua atividade
Possibilita-lhe vivências	Transmite-lhe conhecimentos
O espectador é deslocado para dentro de uma ação	Ele é contraposto à ação
Trabalha-se com sugestão	Trabalha-se com argumentos
As sensações são conservadas	As situações são estimuladas para chegar às descobertas
O homem é pressuposto como conhecido	O homem é objeto de investigação
Homem imutável	Homem mutável e modificador
Expectativa sobre o desfecho	Expectativa sobre o andamento
Uma cena em favor da outra	Cada cena para si
Os acontecimentos têm curso linear	Os acontecimentos têm curso em curvas
O mundo tal como ele é	O mundo como vem a ser
O que o homem deve ser	O que o homem tem de ser
Seus impulsos	Seus motivos
O pensamento determina o ser	O ser social determina o pensamento

P.S.: quadro retirado da relação feita por Peter Szondi (2011) em Teoria do drama moderno (1880-1950), p. 134-135.

REFERÊNCIAS

SANTARENO, B. *O Judeu*. Lisboa: Ática, 1997.

SILVEIRA, F. M. ; VERDASCA, F. . Bernardo Santareno às voltas (e contravoltas) com Brecht. In: Fernanda Verdasca Botton; Flavio Botton. (Org.). *O Teatro de Bernardo Santareno*. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2014, v. 1, p. 131-153.

SILVEIRA, F. M. . O Judeu, de Bernardo Santareno: história do futuro. In: Aurora Gedra Ruiz; Nefatalin Gonçalves Neto. (Org.). *Na justeza da forma, a sutileza do conteúdo: homenagem a Lílian Lopondo*. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2015, v. 1, p. 55-59.

SZONDI, P. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac&Naify, 2011. P. 23-37; 123-126; 133-139.

ANEXO III – HANDOUT DA MONITORIA SOBRE “A LINGUAGEM LITERÁRIA EM MEMORIAL DO CONVENTO”: DEBATE COM GRUPOS DE SEMINÁRIOS DOS SEGUNDOS ANOS

Foco do desenvolvimento da linguagem no romance: ironia e paródia do barroco português. **Dicas:** contemplar outras linguagens (filme/teatro/pintura) que se relacionem com a obra, com os devidos dados bibliográficos.

Saramago reconta o reinado de D. João V (1706-1750) (com foco na construção do Convento de Mafra) a fim de fazer justiça aos quarenta mil portugueses escravizados para tal feito e que não são mencionados na história oficial. Por isso, o povo em *Memorial do convento* é personagem histórico. Saramago busca, através da ficção (personagens Blimunda e Baltasar), mostrar esse povo como responsável pela construção do convento, parodiando a estética da época (Barroco – 1580-1756) através da **ironia** utilizada nos próprios recursos estéticos do barroco, como contrastes, a fim de desmistificar a elevação da nobreza e do clero e enaltecer o povo. Como exemplo, temos os percevejos no leito conjugal do rei e da rainha (grotesco), mas também temos criados antes e depois do ato sexual que despem os reis e os ajudam a colocar as vestimentas também (riqueza).

Portanto, Saramago reconta a história da construção do convento de Mafra sob a perspectiva daqueles que, para ele, são os protagonistas deste evento histórico: o povo, representado por personagens ficcionais (Blimunda e Baltasar, principalmente).

Ele reconta, portanto, a **história do convento** para fazer justiça ao povo através da **arte**, e o meio que ele encontra para fazê-lo é através do **romance**, ou seja, da **linguagem prosaica**. Na prosa, saramago utiliza uma figura de linguagem, a **ironia** e, a partir dela, **parodiar** a arte da época (**barroco**) utilizando suas próprias vias: contrastes e excessos.

O objetivo de Saramago com a escrita de *Memorial do convento* é, portanto, recontar a história da construção do convento de Mafra **protagonizando o povo**, e não o rei D. João V, como a história de Portugal o fez. Na página 29:

a dama que ali passará a noite, num leito baixo, não tarda que adormeça, sonhe se quiser, que importância hão de ter os sonhos que por trás das suas pálpebras se estão sonhando, a nós o que nos interessa é o trêmulo pensamento que ainda se agita em dona Maria Ana, à beira do sono, que na Quinta Feira Santa há de ir à Igreja da Madre de Deus, onde está um Santo Sudário que as freiras desdobrarão diante dela antes de o exporem aos fiéis, e neles e=serão claramente vistas as marcas do corpo de Cristo, este é o único e verdadeiro Santo Sudário que existe na cristandade, minhas senhoras e meus senhores, como todos os outros são igualmente verdadeiros (SARAMAGO, 1982, p. 29)

Neste trecho, é como se Saramago dissesse que na história de Portugal, quem importa é a **nobreza** (representada pela rainha) e o **clero** (Santo Sudário) e não o **povo** (criada e seus sonhos literais, que podem ser interpretados como o sonho metafórico do povo português – ser livre [passarola]). Esse contraste (traço barroco) é colocado através da

ironia no exemplo supracitado, como se o autor debochasse dos fatos discutidos. Ademais, através da mesma ironia, Saramago constrói a paródia do barroco e sua respectiva sociedade portuguesa (corte de D. João V), a fim de desmistificar a Igreja (seus dogmas) e a nobreza, buscando protagonizar o povo, verdadeiro herói coletivo nesse episódio da história portuguesa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. Um convento e uma passarola. *EPA: Estudos portugueses e africanos* (Campinas), n. 2, p. 125-131, 1983.

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

ANEXO IV – HANDOUT DA MONITORIA SOBRE “A IGREJA EM MEMORIAL DO CONVENTO”: DEBATES COM GRUPOS DE SEMINÁRIOS DOS SEGUNDOS ANOS

Foco: a igreja em *Memorial do convento* é criticada enquanto instituição. Os seus dogmas são desconstruídos um a um por Saramago, que ironiza e debocha dos costumes e crenças “de fé”. **Dicas:** contemplar outras linguagens (filme/teatro/pintura) que se relacionem com a obra, com os devidos dados bibliográficos.

No romance, José Saramago traz a desmistificação da Igreja enquanto porta de entrada pro céu, mostrando seu lado de instituição que pretende lucrar desde seu surgimento. Saramago reconta, em *Memorial do convento*, a história da construção do convento de Mafra protagonizando o povo português, que, para o autor, foi o verdadeiro herói coletivo deste evento histórico. Para tanto, Saramago desmistifica a nobreza e o clero. Um episódio **marcante** quanto a este processo é quando o narrador diz que os padres (bispo Dom Nuno da Cunha e frei António José) já sabiam da gravidez da rainha quando fizeram o rei prometer que, caso ela tivesse um filho dali um ano, ele construiria um convento em Mafra:

Agora não se vá dizer que, por segredos de confissão divulgados, souberam os arrábidos que a rainha estava grávida antes mesmo que ela o participasse ao rei. Agora não se vá dizer que Dona Maria Ana, por ser tão piedosa senhora, concordou calar-se o tempo bastante para aparecer com o chariz da promessa o escolhido e virtuoso frei António. (SARAMAGO, 1982, p. 23).

Neste capítulo (segundo), o narrador dedica-se ao trabalho de desmistificar a ocorrência de milagres. Cita vários casos em que não foram milagres, mas sim coincidências e até covardias humanas, como roubos, e conclui com o caso da gravidez da D. Maria Ana.

Saramago em *Memorial do convento* parodia o barroco, estética vigente na época do reinado de D. João V. Sendo o barroco a estética dos excessos, o narrador ironiza o fato de que o convento a ser construído deveria ser franciscano (uma ordem religiosa)

para que o milagre ocorresse. Ou seja, não basta fazer a boa ação, o rei devia fazê-la aos envolvidos, mostrando a ambição da igreja nesse jogo de valores e ambição: “Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me Sua Eminência, que se eu prometer levantar um convento em Mafra terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano” (SARAMAGO, 1982, p. 11).

Outro exemplo interessante sobre a desmistificação do clero em *Memorial* está no capítulo três, quando as mulheres e seus amantes masoquistas utilizam a procissão da penitência para pensar satisfazer-se sexualmente. Neste momento, os penitentes sofriam as chibatadas para satisfazer as suas amadas que, da janela, assistiam e roçavam-se nas saias, masturbando-se ao verem seus homens sofrendo por elas. Neste ponto, o narrador compara os prazeres carnis deste povo aos animais:

é aquele o seu homem e servidor, que lhe está dedicando a vergastada violenta e que, não podendo falar, berra como um toiro no cio [...] enquanto latejam por baixo das redondas saias, e apertam e abrem as coxas segundo o ritmo da excitação e do seu adiantamento. Está o penitente diante da janela da amada, embaixo na rua, e ela olha-o dominante, talvez acompanhada de mãe ou prima, ou aia, ou tolerante avó, ou tia azedíssima, mas todas sabendo muito bem o que se passa, por experiência fresca ou recordação remota (SARAMAGO, 1982, p. 27).

Outro momento interessante no mesmo capítulo é quando Saramago desmistifica as mulheres em suas rezas durante a Quaresma, período no qual são permitidas as idas delas às Igrejas sozinhas. O narrador conta que, na realidade, elas aproveitavam para praticar o adultério: “pecado onipresente” e “Quaresma não existe e o mundo está felizmente louco desde que nasceu” (SARAMAGO, 1982, p. 28).

Portanto, na narrativa, Saramago desmistifica os dogmas da Igreja Católica, contestando a existência de milagres (capítulo 2), denunciando a ambição dessa instituição bem como sua corrupção (barganha pra promessa do rei), mostrando a real intenção de eventos como a procissão de penitência (p. 27 – exemplo acima) e quaresma (quando as mulheres vão as Igrejas sozinhas e param no caminho para fornicar).

Por fim, é interessante notar que os personagens principais (Bartolomeu, Baltasar e Blimunda) desafiam os dogmas da Igreja: Bartolomeu, apesar de padre, acredita na *liberdade* metafórica, ou seja, na capacidade do homem de voar, motivo pelo qual é zombado aos olhos dos demais clérigos; Baltasar por viver com Blimunda mesmo sem ser casado e por ajudar Bartolomeu com a passarola; e, por fim, Blimunda, que vê as pessoas por dentro.

É um **contraste** pensar que Blimunda é enaltecida por ver as pessoas por dentro, enquanto os milagres e eventos da igreja (quaresma, procissão de penitência) são rebaixados. É a elevação dos pobres (protagonistas na perspectiva de Saramago) e o rebaixamento da nobreza e do clero (protagonistas na História oficial de Portugal). Isso se dá no romance todo: o objetivo de Saramago com *Memorial* foi recontar a história da

construção do convento de Mafra protagonizando quem, para ele, é o verdadeiro herói coletivo desse evento: o povo, que é representado pelos personagens ficcionais Blimunda e Baltasar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. Um convento e uma passarola. *EPA: Estudos portugueses e africanos* (Campinas), n. 2, p. 125-131, 1983.

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.